

Um mundo fabuloso.

VILÉM FLUSSER

Animais conversam. Geralmente em versos rimados. Alunos de cursos dedicados ao ensino da língua francesa escutam. No fim do diálogo entre os animais aparece a moral da história que serve para ilustrar verbos irregulares. Eis uma das formas nas quais se apresenta, atualmente, o mundo fabuloso. Somos, do ponto de vista da fábula, uma geração um tanto tardia. Em épocas mais "primitivas" deve ter sido mais imediato o impacto do mundo fabuloso. Quando a hora se reunia em redor da fogueira depois da caça ao mamute, devem ter tido um efeito mais profundo as fábulas contadas pelo caçador mais idoso. Na semi-escuridão da caverna deve ter ressoado misteriosa a voz dos animais que falam. As chamas iluminavam enigmáticamente as figuras das renas, dos cavalos selvagens, dos touros nas paredes da caverna. Tornavam-se vivas essas figuras no chamejar duvidoso e enganador da fogueira. E pela boca desdentada do chefe e sacerdote da horda murmuravam e baluciavam estes animais, revelando os segredos do mundo espantoso que cerca o homem. O canto ritmado e conjurador do vento era acompanhado pelo uivar dos lobos lá fora. Um espaço sacro envolvia homens, lobos e fogueira e fundia tudo numa união de profundo significado. Eis a forma "primitiva" do mundo fabuloso. A transformação progressiva do cacique em Lafontaine é um aspecto da história da humanidade tão válido quanto outros mais sofisticados.

O propósito do presente artigo é contar uma fábula, uma história na qual os animais falam. Não será uma fábula lafontainiana, principalmente porque a moral da história não será óbvia nem para o autor, nem para os que o ouvem. A clareza das convicções morais pertence, infelizmente, ao passado. Tãopouco será minha fábula um murmurar misterioso. A fogueira da caverna foi substituída, irremediavelmente, pelas lâmpadas funcionais, e as figuras nas paredes por reproduções de Picasso. Será uma fábula da atualidade. Os animais que falarão não serão, portanto, nem mamutes nem raposas. Essas são espécies de animais existencialmente extintas. Não interessam. Escolhi, para o meu diálogo, espécies mais interessantes. O óctopus que habita os abismos dos oceanos, a solitária que habita os abismos dos intestinos, e o verme curioso chamado "embrião" que habita os abismos do útero, estes serão meus personagens. O tema do diálogo será o sr. Darwin, mas um Darwin um tanto anacrônico, já que será freudiano.

O óctopus levanta um dos seus oito cefalopódios e pede a palavra: Como representante mais evoluído dos moluscos, como corôa da evolução portanto, cabe a mim a apreciação conclusiva da teoria darwiniana. É curioso que uma teoria tão fecunda tenha sido formulada por um mero vertebrado. Os vertebrados estão afastados da correnteza principal da evolução da vida. Esta se desenvolve, obviamente, nos oceanos, tanto de um ponto de vista quantitativo como qualitativo. As espécies mais numerosas, e as espécies mais evoluídas, ocorrem nos oceanos. A direção principal da vida é o seu avanço das praias rumo às profundezas. Um braço subalterno e desprezível, (de um ponto de vista darwiniano), estende os

VILÉM FLUSSER

seus tentáculos em direção da terra firme, mas é óbvio que essa direção representa um "cul_de_sac" na tentativa da vida de realizar-se. É somente em meio aquoso, em meio adequado, que as potencialidades da vida podem ser realizadas. A perfeição maravilhosa da minha estrutura o prova. Comparem, por exemplo, a minha simetria radial com a primitividade da simetria axial dos vertebrados. Vejam como sou belo, se comparado com a forma grotesca e repulsiva do homem. Observem a riqueza dos órgãos sensoriais, dos quais disponho. Como é rico, em consequência, o mundo dentro do qual existo. Uma multidão de impressões químicas, térmicas e eletromagnéticas se precipita sobre mim, para ser apreendida pelos meus tentáculos e compreendida pelo meu cérebro central poderoso. São impressões de uma realidade, da qual os vertebrados não têm a mínima suspeita. Encapsulados em seus esqueletos, vegetam esses seres primitivos, expulsos do ambiente vitalizador do mar, meros vestígios patéticos do élan da vida. Aceito a teoria darwiniana, porque prova, embora de maneira primitiva e tipicamente vertebrada, a minha superioridade.

A solitária, com leve sorriso irônico, (porque nas fábulas as solitárias sorriem), assim lhe responde: É evidente que, a despeito dos teus oito braços, não podes autenticamente abraçar a teoria darwiniana. Na tua escuridão abismal não percebes a sua mensagem. Eu, conhecedora do íntimo do homem, posso julgar o mérito do problema. A força que propela a evolução da vida é a força libidínica da procriação, a força da fertilidade. É a vontade do poder, como disse Nietzsche, (um daqueles organismos que servem para alimentar-me). A evolução da vida é um processo libidínico. É em virtude do libido, e em procura de um libido mais perfeito e glorioso, que as espécies evoluem. E eu sou a realização mais perfeita desse processo. Repare nos proglotídios, nos elos que perfazem a minha cadeia. Cada elo é portador de um aparelho sexual enormemente complexo, e que reúne o princípio masculino e feminino numa síntese perfeita. Os óvos que são produzidos por cada elo alcançam o número de 50.000, o que por si só já é uma realização apreciável. Mas eu consisto de 1.500 elos. Produzo portanto 75 milhões de óvos. Alcancei essa altura vertiginosa de realização, porque superei a escravidão da alimentação e do movimento. Transformei os vertebrados em meus escravos. Eles fornecem a minha alimentação já digerida, e eles são meus veículos que me transportam. Graças a eles tornei-me livre para a tarefa mais nobre que é a realização poderosa das potencialidades libidínicas. Sou desinibida. A minha existência é um único ato sexual grandioso e ininterrupto. Sou o próprio amor incarnado. Sou a ponta da lança da evolução da vida. Tem uma certa razão Darwin em dizer que o homem é a meta dessa evolução, embora não no sentido por ele pretendido. O homem é o dono da natureza, e eu sou a dona do homem. O homem existe para libertar-me das necessidades da alimentação, e tornar possível a realização máxima da força libidínica que eu represento. Sou portanto decididamente darwiniana, embora deva acrescentar a Darwin uma dimensão freudiana.

VILÉM FLUSSER

O embrião, indignado, sacode a cabeça. Uma cabeça projetada, bem entendido, por que ainda não chegou a evoluir. Tu, solitária, em tua solidão, és incapaz de compreender o amor que propõe a vida. És incapaz, porque não és inibida, como confessas. É na separação dos sexos, e nas barreiras que se introduzem entre os sexos, que a força do amor se concentra. O amor é libido inibido. A inibição é um princípio inimigo da vida. A inibição é, do teu ponto de vista, é solitária, uma doença. O ato sexual frustrado, que tu desconheces, é a fonte do amor, dessa força que é uma síntese entre o élan da vida e a inibição oposta à vida. O amor é fruto de uma luta entre a vida em seu avanço libidinoso e um princípio que se opõe a esse avanço. Nesse sentido é o amor o horizonte e a meta da vida. Repare como me retorço libidinosamente dentro do útero para realizar-me em homem. Como percorro, numa espécie de taquigrafia, toda a evolução da vida, como que para recapitular as lições apreendidas pela correnteza da vida. Sou solitário como tu, mas sou biologicamente imperfeito, sou biologicamente frustrado. Daquí a nove meses serei lançado para dentro de um meio hostil, e tem razão o óctopus em salientar esse fato. Incontáveis barreiras se levantarão ao meu redor, para frustrar o meu caminho. A minha força vital, fraca e doente, (como diz com razão o óctopus), terá que chocar-se contra essas barreiras. Serei um ser biologicamente mal adaptado. Mas nessa luta que terei que travar a força libidinoso que em mim opera será transformada. Por ser inibida, será sublimada. Nascerá em mim e por mim o amor, que tudo vence, inclusive a própria vida. É neste sentido dialéctico que serei a meta da evolução da vida. A vida é um processo que tende a superar-se a si mesmo. O homem, que é o ser mais inibido e mais doente, é, por isto mesmo, o ponto no qual a vida se supera a si mesma. Chama-se "espírito" essa inibição e essa doença que caracteriza o homem. O espírito é a forma humana do amor, a única forma da qual tenho conhecimento. Não sou portanto darwiniano. Considero o homem a meta da evolução, por razões opostas ao darwinismo. É por ser a espécie menos bem adaptada que o homem é a meta da vida. Que o óctopus seja darwiniano, é uma cosmovisão que lhe compete. E, pela mesma razão, não sou freudiano. É um ponto de vista que compete a ti, ó solitária, já que és, como dizes, o libido mais perfeitamente realizado. Quanto a mim, não sou condicionado apenas biologicamente, e é por isto que não devo, a rigor, participar desta discussão em igualdade de termos. Submeto portanto estes meus argumentos com uma reserva mental, a qual, por ser mental, deve parecer irrisória tanto ao óctopus, como a ti, ó solitária, que me és tão próxima no estágio atual do meu desenvolvimento.

Até aqui a fábula que pretendi contar aos leitores. A nossa tradição lafontainiana exige que acrescente uma moral da história, para torná-la pedagogicamente aproveitável. Mas confessei a minha incapacidade para uma convicção moral, (e, a fortiori, para uma atividade pedagógica), no início deste artigo. O mundo fabuloso da vida, do qual trata a minha fábula, parece impermeável à moral, porque impermeável a todos valores. É um mundo diabólico o mundo da vida, porque um

VILÉM FLUSSER

mundo além do Bem e do Mal, para falarmos nietzscheamente. O óctopus e a solitária me parecem ser os seus mais dignos representantes. Nesse mundo diabólico sentem-se abandonados a espírito e o amor, esses princípios frágeis que procuram vencer a vida. Esse abandono caracteriza a situação humana. Em vez de uma moral da história, acrescento portanto um poema de Omar Khayyam, que exprime o que a fábula pretende:

Ah, Love, could you and I with Fate conspire,
to grasp this sorry scheme of things entire,
would we not shatter it to bits, and then
remould it nearer to the Heart's desire?

(Ó Amor, se pudessemos tu e eu conspirar com o Destino, para abarcar essa estrutura miserável de coisas inteira, não despedaçariamos ela, para depois reformulá-la mais de acôrdo com os desejos do Coração?)